



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**ÂNGELA BRÊTAS E
MÔNICA BORGES MONTEIRO**

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-182

Entrevistado: Ângela Bretas Gomes dos Santos e Mônica Borges Monteiro

Nascimento: angela 14-04-1961

Local da entrevista: Rio de Janeiro/RJ

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 03/11/2010

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Total de gravação: 42 minutos e 46 segundos

Páginas Digitadas: 25

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SANTOS, Angela Brêtas Gomes dos; MONTEIRO, Mônica Borges. *Angela Brêtas e Mônica Monteiro (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo; coordenação da Equipe Colaboradora 11; introdução da discussão sobre lazer no Programa; processo de capacitação; formação da equipe colaboradora; material pedagógico elaborado contendo o tema do lazer; núcleos coordenados pela equipe; dificuldades encontradas para a implementação da temática do lazer: aplicabilidade, recursos humanos, materiais; entrada do PST no Mais Educação; experiências com o grupo de pesquisa Anima; questões de gênero, vulnerabilidade social; acesso das mulheres no Programa; opinião sobre a avaliação do PST; sugestões para uma maior qualificação do Programa; convênios; parcerias.

S.G. - Boa tarde, Ângela e Mônica. Estou aqui no Rio de Janeiro entrevistando a coordenadora e vice-coordenadora da Equipe Colaboradora onze, que atinge parte dos núcleos do Rio de Janeiro.

M.M. – E Espírito Santo.

S.G. – Ok. Então, eu começo com a Ângela: eu gostaria, antes de falar um pouco sobre o trabalho específico do Rio... Quando que tu iniciaste com o Segundo Tempo? Se tu já conhecias o trabalho antes. Como que se deu a tua chegada ao Programa Segundo Tempo?

A.B.- Eu comecei no segundo semestre de 2008 através do convite do Victor¹, porque o Amauri² convidou o Victor para coordenar a equipe. O Victor me convidou para ficar como vice e aí nós formamos a equipe. Houve várias reuniões naquele semestre. Nós fomos a várias dessas reuniões e aí fomos formando a equipe.

S.G. – E a Mônica já iniciou, também, nesse período?

M.M. - No mesmo período, por conta de ser do grupo de pesquisa. Então, uma das características da formação dessa equipe era também pensar lazer dentro do Segundo Tempo.

S.G. – Isso que eu iria perguntar que é sobre o Anima³?

M.M. - Exatamente.

S.G. – E logo de início vocês já trouxeram essa discussão do lazer, que é uma discussão que me parece que não tinha ainda no Programa.

M.M. – Pois é.

¹ Victor Andrade de Melo. Ex-coordenador de Equipe Colaboradora do Programa Segundo Tempo (Rio de Janeiro).

² Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira. Coordenador Pedagógico do Programa Segundo Tempo.

³ Grupo de pesquisa "Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais" vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro tendo como coordenador Victor Andrade de Melo.

S.G. – Aos moldes do que o grupo estava propondo.

M.M. – É. E foi um trabalho de conhecer o PST, quer dizer, aquela ideia de que o PST está em envolvimento o tempo todo. Então, entramos já com as engrenagens funcionando e aí entender o PST e, ao mesmo tempo, pensar o lazer dentro dessa estrutura foi um desafio. Até o final de 2008, nós já estávamos tateando bastante, porque muita coisa do lazer foi constituída através dos não entendimentos de algumas das características do Programa.

S.G. – Isso que foi o que o Victor me apontou antes: no primeiro momento vocês analisaram muito aquele livro, o que chama de “Capa Verde”⁴.

A.B. - É, o livro verde.

S.G. – Aquela primeira produção. E ali, exatamente, essa discussão do lazer que não aparece contemplada. Então, a primeira ação de vocês foi mais voltada para essa discussão.

M.M. – Isso.

S.G. – E depois para acompanhar... Vocês chegaram a fazer capacitação? Como que vocês... O que vocês...

A.B. - Nós fomos capacitados, porque nesse primeiro momento havia uma equipe capacitadora que percorria as regiões do Brasil capacitando as pessoas.

S.G. – Isso.

A.B. - Nós fomos a algumas capacitações em Brasília, Fortaleza, Natal e aí depois, em outro momento, eles decidiram descentralizar isso. Então, aquela única equipe capacitadora contando com a participação das equipes regionais, formaram novas equipes

⁴ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008.

capacitadoras. Então, aquela ideia de uma única, se dissolveu em várias. E aí, nós já fizemos algumas capacitações. Acredito que quatro capacitações.

S.G. – Que vocês capacitaram ou foram capacitados?

A.B. - Nós fomos capacitadas ao longo de um bom período, porque, como a Mônica falou, a engrenagem já estava em movimento. Nós entramos e é uma coisa assim... É muito complexo. Então, para você entender os detalhes, os meandros, você custa um pouco. E aí nós fomos aprendendo com a engrenagem em movimento, errando algumas vezes, mas agora nós temos um domínio um pouco maior da dinâmica, da lógica do Programa.

M.M. – E acho que a estratégia do Amauri é bem vinda, quando ele sensibiliza o coordenador. A Angela e o Victor foram a várias capacitações antes de formar a equipe propriamente dita, para conhecer. Mas eles acabam conhecendo mesmo no fazer. E aí, depois que eles formaram a equipe e, dentro dessa característica, eles chamaram algumas pessoas estratégicas, nós fomos capacitadas [palavra inaudível] ainda por essa equipe que a Angela falou e só depois que nós começamos a capacitação.

S.G. – E daí a capacitação de vocês foi com o tema específico do lazer? Ou envolvendo o Programa, tudo?

A.B.. - Tudo.

S.G. – Tudo. O Programa, aqueles temas centrais?

A.B. - É, porque havia o livro Verde. Depois, no final ou metade de 2009? Veio a ideia do novo livro.

M.M. - Livro Branco⁵.

⁵ Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010.

A.B. - E para isso havia uma tensão teórica. Quem são aqueles que vão gostar do novo livro? Quais são as novas ideias, as concepções? Então, já tinha havido um embate forte para sair o Livro Verde. Houve uma tensão forte que meio que se repetiu no Livro Branco e principalmente conosco, porque nós trazíamos uma proposta da discussão do lazer.

S.G. – Eu me lembro disso, porque eu acompanhei naquela reunião de Campinas. Me parece que foi o momento tenso com esse grupo do lazer.

A.B. - É, isso. Foi. Então, e aí o entendimento do lazer... Acho que hoje não, não é Mônica? Acho que melhorou, mas, antes, o entendimento do lazer era um entendimento um tanto superficial, a ideia da recreação muito presente, dos jogos e das brincadeiras como uma concepção de lazer, norteando esse lazer. Mas aí entramos com outra perspectiva, que gerou reação, houve resistência, mas conseguimos entrar no Livro Branco com essa discussão que é um avanço e acho que é um avanço para o PST e um avanço para o grupo também.

S.G. – E agora também nesse vídeo que já iniciou a gravação. Acho que, de estar lá também essa concepção de lazer, é um avanço.

A.B. - Sim.

S.G. – Eu vejo uma diferença significativa do Livro Verde para o segundo livro. Acho que pedagogicamente avançou... Inclusive, está mais clara a política que o Programa tem. Acho que tem questões ainda para serem ampliadas, discutidas melhor: o que é efetivamente essa inclusão, esse próprio processo de capacitação. Entre o que está no livro e o que chega lá na ponta do monitor existem vários processos. Mas eu tenho percebido um investimento nesse sentido. E, na equipe aqui do Rio de Janeiro, quantos núcleos mais ou menos hoje existem? Que vocês coordenam?

A.S. - Nós estamos com três convênios em funcionamento e muitos convênios para começar.

M.M. - Hoje tem 245 núcleos ativos e 820, 830, para iniciar...

S.G. – É muito!

M.M. - Esperando ordem de início.

S.G. – Já efetivado, com documentação, com processo todo já?

M.M. - Sim, processo de documentação, análise de documentação. E fora o Mais Educação⁶, que são 145 escolas em vários municípios do Rio de Janeiro e mais 11 escolas do Espírito Santo. E aí nós somos uma equipe hoje de 9 pessoas...

S.G. – E daí, agora criou outra equipe, a 25...

A.B. - Isso. A equipe 25.

M.M. - Por isso essa necessidade de uma outra equipe.

S.G. – O que talvez seja um dos estados que tenha o maior número de convênios, eu acho, não?

A.B. - O Rio e São Paulo são.

M.M. - E talvez Ceará, do nordeste, que tem bastante.

S.G. – É. Ceará tem todas as cidades.

A.B. - Todas as cidades têm um núcleo.

M.M. – Talvez esteja distribuído assim. Em cada região tem um grande estado com muitos núcleos. No norte, mais ou menos, o Maranhão, no nordeste, o Ceará, no Rio Grande do Sul, tem Santa Catarina, mas que perpassam... Tem convênios de 250 núcleos, por exemplo. Agora assim, se não atrapalhar a tua gravação, só voltando um pouquinho na

discussão do Livro Verde e do Livro Branco. Logo no início das nossas visitas, nós percebíamos mesmo uma reclamação das pessoas que tinham sido capacitadas em relação ao conteúdo do livro, dizendo que se distanciava demais da prática. E aí, o Livro Branco veio com uma perspectiva de aproximação. Então, não só o desafio de introduzir o lazer, que é um assunto que não foi, posso dizer, muito bem vindo no início, mas pela dificuldade das pessoas entenderem aonde se encaixa o lazer nessa perspectiva.

S.G. – Porque parece que ele está fora do espaço do esporte, fora da escola.

M.M. - Exatamente. É uma visão do Segundo Tempo de uma forma muito pragmática, ou muito ligada à educação, ligado ao serviço do esporte. Então, onde entra o lazer que é uma perspectiva de emancipação? Aonde que entra isso? “Ah, vocês estão querendo encaixar em peças que não tem encaixe”. Então, eu acho que até hoje ainda tem essa divergência da falta do entendimento, tanto que ainda recebemos muita crítica de como que se coloca. O próprio Ministério não tem muito claro, por conta de que nós demos uma contribuição e aí depois para o Recreio nas Férias⁷ eles pediram a contribuição da Leila Mirtes⁸, que colocaram um viés mais ligado a questão do direito. Então, quando nós construímos o texto do Livro Branco, era um desafio se aproximar da prática e, ao mesmo tempo, introduzir o lazer dentro... E eu acho que os autores até conseguiram se aproximar mais da prática, mas acho que nas capacitações encontramos muito essa crítica dos professores quererem um formato mais pragmático, um formato mais pronto assim “Ah, vamos lá aplicar”, uma coisa mais instantânea, e te abordamos os temas - pelo menos nossa equipe - de uma dimensão política. Então, tem [palavra inaudível] ainda na capacitação e que eu acho que os professores ainda têm essa necessidade por conta de se sentirem também em condições não muito estáveis de implementação dessa política a partir de suas próprias condições trabalhistas. Então, se eles estão em condições superficiais, em condições não muito seguras, eles vão achar também que o tentamos pregar político-pedagogicamente nos conceitos do livro: “Ah, isso aí não muito bem aplicado não”, “então me diz aí como é

⁶ Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação.

⁷ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

⁸ Leila Mirtes de Magalhães Pinto. Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer. Ministério do Esporte

que vocês fazem”. Da forma com que os convênios contratam esses professores de Educação Física.

S.G. – Eu vejo um pouco isso na discussão de gênero também: “Tudo bem. Eu acho que até entendo o que a senhora está querendo dizer”, muitos dizem, “mas como que faz isso? Como transformar essa ideia e operacionalizar isso no meu cotidiano?”.

M.M. - Pois é.

S.G. – Eu acho que o Livro Branco aponta um pouco para isso.

M.M. - Ele aponta. Mas, as condições de implementação, são muito frágeis. Você vê que um conceito político tem um tempo para ser aplicado, para ser observado, para você até descrever como é que aquilo está sendo desenvolvido. E as condições hoje que o PST mostra, tanto de implementação dos convênios quanto de contratação de profissionais de Educação Física, são muito frágeis. Então, fica difícil: “Ah, como é que eu vou me engajar em uma luta política se eu não estou sendo tão valorizada assim?”. Por exemplo, se eu me machucar, eu posso perder minha bolsa.

S.G. – Exato. E, ao mesmo tempo, a formação do profissional da Educação Física que vem trabalhar no PST, às vezes, não contempla esse tema.

A.B. - Não.

S.G. - Não tem essa discussão em vários cursos: do lazer dentro dessa outra perspectiva, a não ser a brincadeira, a recreação. O fazer pelo fazer e não com uma proposta política mais interessante. Daí nesse sentido eu acho que o Programa avança, quando ele chama esse grupo para discutir. Queira ou não, está lá.

A.B. - Está lá.

M.M. - Sim, sim.

S.G. – E assim, na experiência de vocês, que vocês têm trabalhado aqui no Rio de Janeiro, essa experiência com o lazer, está aparecendo nos núcleos?

A.B. - Está. Está aparecendo nos núcleos já. Agora nessas últimas visitas, eles percebem a importância dos festivais, a importância dos passeios...

S.G. – Que ótimo.

A.B. - Cinema e música estão aparecendo bastante.

S.G. – Isso é muito bom.

A.B. - O cinema apareceu bastante em Itaboraí, eles têm feito sessões de cinema. Muito legais.

S.G. – O que foge um pouco daquela localização só no esporte como único conteúdo.

A.B. - A idéia é essa, de ampliar.

M.M. - É, mas é assim: você mobiliza, você sensibiliza, e as pessoas aceitam essa sensibilização, mas, no operacional, é difícil de aplicar, porque, quando você vai ver os formatos e a quantidade do recurso que é dado pelo convênio...

A.B. - Os formatos são mais fechados...

M.M. - Você não tem transporte para levar, você não tem essa perspectiva financeira. Então, fica da boa vontade e da sensibilidade do professor: “Olha, você é um professor interessado? Você é um professor engajado? Então, você vai fazer nessa perspectiva emancipadora. Se você é um professor que só está aqui cumprindo suas horas/aula...” - acho que não tem demérito nenhum você ser pago por umas horas/aulas e cumprir um trabalho “x” - “...ah então você não tem esse engajamento”. Então, ficamos esperando que isso apareça no núcleo, mas, quando você vai ver efetivamente, o próprio financiamento não dá incentivo para que isso seja desenvolvido. Então, está muito na boa vontade.

A.B. - É tudo muito fechado, é verdade.

M.M. - A grana que vem é para material, é para isso, é para aquilo.

A.S. - Vai depender de como é que o convênio se organiza inclusive na contra partida, na boa vontade da comunidade vizinha aos núcleos. Porque muitos conseguem apoios com os comerciantes locais. Então, esses comerciantes ajudam com algumas coisas que não estão previstas, por exemplo, no plano de trabalho. Então, um cinema ou uma festa quem ajuda é a comunidade do entorno.

S.G. – Claro. Que é diferente do Recreio nas Férias⁹ que naquela uma semana está previsto uma atividade ou um passeio, ou uma visita a museu, uma visita...

A.B. - Exatamente.

M.M. - O material que é vinculado é o material que proporciona você vincular estratégias no âmbito do lazer. Agora, o material que ele é vinculado... Eu não sei também se é falta de experiência do convênio, de ser orientado a pedir esse material...

S.G. – Claro, talvez...

M.M. - Não posso julgar se não são aprovados projetos que tem essa perspectiva, mas não temos... [palavra inaudível] projetos que atendem bem a parte esportiva, de material esportivo. Lembrando que mesmo a parte de material ainda fica a desejar por conta da qualidade do material. Então, às vezes, precisamos arrecadar recurso também para o material. Isso não é só com o lazer. Só que com o lazer, não vem nem o primeiro pouquinho, não tem o “Pintando a Liberdade”¹⁰ do lazer.

⁹ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes, no período de férias escolares, opções de lazer por meio de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

¹⁰ Programa vinculado ao Ministério do Esporte, o qual promove a ressocialização de internos do Sistema Penitenciário por meio da fabricação de materiais esportivos.

S.G. – É. E com relação à entrada do PST no Mais Educação, será que vai melhorar essa situação, entender a estrutura da escola, talvez que possa ampliar a possibilidade para que esses conteúdos do lazer possam ser trabalhados? Como que vocês estão vendo isso? Eu ao tenho acompanhado o Mais Educação.

A.B. - Não sei. Eu acho que a entrada do Mais Educação... Tem muita tensão ainda para encarmos, porque existem os professores de Educação Física na escola, existe toda a condição da Educação Física na escola, e vamos chegar com outra condição do PST, outra proposta. Como é que vai ser essa divisão de salário, de carga horária? Eu não sei direito. A Mônica, talvez entenda melhor do Mais Educação, mas eu...

S.G. – Quem está na escola, quem está fora, chegando, com uma outra possibilidade...

A.B. - Chegando, que vai fazer o que, quem vai tomar o lugar de quem, porque sabemos que existe um ciúme, existe a coisa...

S.G. – A articulação...

A.B. - Do território. Como é que você vai articular isso...

S.G. – Se vai estar articulado o Projeto Político Pedagógico da escola ou não...

A.B.. - Da escola, ou não...

S.G. – Ou se é um projeto isolado como qualquer outro...

A.B.. - Como vimos em Nova Iguaçu um monte de coisas juntas dentro da escola. Você não sabia o que era o que. Vários projetos acontecendo. Você não sabia quem era o coordenador, o que se devia à que. Uma total desorganização. Então, isso me parece um pouco assustador ainda, porque não temos noção de como a coisa vai acontecer. Tem havido as vídeo-conferências. Eu não tenho acompanhado. A Mônica acompanha mais.

M.M. - É, tem essa tensão que Ângela colocou da implementação assim que não é privilégio do Programa Segundo Tempo. Eu tenho oportunidades de trabalhar com outros programas dentro do Mais Educação e vejo as mesmas dificuldades com outros programas em outros formatos, como Conexões de Saberes¹¹, que trabalha com jovens universitários oriundos de espaços populares dentro das escolas. Ele também está envolvido no Mais Educação, além do Escola Aberta¹². E temos todos esses problemas de implementação, até porque, não tem um formato que contemple essa dinâmica do cotidiano da escola. Agora, o que eu acho que faz falta nos outros programas e certamente também no PST, é falta de uma diretriz política de o que significa a implementação do PST dentro do Mais Educação? O que ele vem a contribuir para o Mais Educação? O que o PST contribui na ampliação do tempo escolar, ou a ampliação das horas dentro da escola? E o lazer, como é que ele entra nisso? Ele entra em uma perspectiva de você talvez humanizar, sensibilizar e qualificar esse tempo extra da escola. E isso ainda não está escrito, não está direcionado para que a gestão e a implementação tenham uma qualidade. Isso que esperamos. Então, isso me preocupa muito, porque, abordar isso na capacitação, vamos ser um grão ali, mas como é que isso vai ser efetivamente, nessa diretriz mínima de implementação que eles colocam? Então, isso me preocupa.

S.G. – E é um desafio muito grande porque é um número imenso de escolas...

M.M. – E eles estão esperando: “Vamos implementar para depois fazer a filosofia da coisa”. Por que não fazer junto e construir junto? Acho que está faltando isso. Está muito assim, no operacional: “vamos fazer, vamos encaixar”, e não ainda um diálogo filosófico entre os dois programas, porque são programas distintos que precisam dialogar. Então, eles delegam a interdisciplinaridade para aponta, enquanto que ela tem que vir em todos os processos.

S.G. – No Rio, já tem núcleos do PST funcionando dentro do Mais Educação, já tem implementado?

¹¹ Projeto vinculado ao Ministério da Educação, tendo entre os objetivos, estimular maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, com a devida troca de saberes, experiências e demandas.

A.B. - Sim. Não implementado, não começou a nossa ordem de ação ainda.

M.M. - Já chegou dinheiro nas escolas. Nós entramos em contato com todas as escolas, através de um comitê metropolitano. Então, no Rio, temos essa facilidade, diferente do Espírito Santo que eu tive que ligar para todas as 11 escolas e falar especificamente com a diretora. No Rio, você tem um grupo de responsáveis por esses projetos todos que entram dentro das escolas, que vem do governo. E aí, essas pessoas entraram em contato com as escolas dizendo que nós, a partir de tal data, iríamos começar a ter contato. Só que não temos essa perspectiva de contato por conta das eleições. Então, não sabemos quando é que começa a capacitação. Eles estão com o dinheiro. Olha o risco que correm de não ser implementado o PST. Mas o Mais Educação já foi implementado, porque o dinheiro já chegou. Então, quando começarmos a agir... O financiamento do Mais Educação está acabando. Como é que vai ficar isso? Um programa começa, outro termina. Então, essa falta de sincronia [palavra inaudível] acontece demais e isso atrapalha muito.

S.G. – O tempo de um e o tempo de outro.

M.M. - Por exemplo, na escola que eu trabalho, que é uma escola do estado, o Mais Educação já começou desde abril. Então veja: se eu começar em janeiro a capacitar, quando eu começar a implementar o PST, já acabou o Mais Educação. O que significa que não tem condição de implementar. E aí vai fazer o que? Vai devolver esse dinheiro? Vai dizer que a escola não tem condições de gerenciar esse recurso?

S.G. – Bastante complicado de fazer...

S.G. – E assim, com relação ao grupo de pesquisa, eu queria saber o que é essa experiência, que é uma experiência com um projeto, um programa enorme, que tem vários limites, várias possibilidades, o que isso traz para o grupo de pesquisa de vocês, que tem uma referência no Brasil na questão do Lazer, o Anima. Como que vocês veem essa...

¹² Projeto que oferece oportunidades de qualificação e aperfeiçoamento profissional e pessoal por meio de cursos a distância, sob a perspectiva da educação continuada, nas áreas de educação, administração pública, direito, tecnologia da informação, entre outras.

A.B. - Então, o Anima está em “stand-by”. Acho que o Victor oficialmente acabou com ele. É uma pena para nós, porque acho que todos nós devemos muito ao Anima. Todos nós que temos essa noção do trabalho em grupo, dessa construção coletiva, dessa relação que podemos estabelecer com outras pessoas em outros estados, essa rede, aprendemos isso muito com o Victor e com o Anima. Todo mundo se criou, se formou no Anima. Então, é uma pena ver que o Anima acabou, mas, ao mesmo tempo, é legal perceber que o Anima deu frutos e, justamente, o fato dele ter acabado, tem a ver com o fato de todo mundo ter se formado, ter encontrado um prumo, um rumo a partir da experiência do Anima. Para mim, foi uma oportunidade incrível, ter encontrado o Victor, ter entrado para o Anima e ter acompanhado o Anima desde o início. E hoje ver que todos, ou pelo menos a boa parte, são doutores, mestres ou estão a caminho de se doutorar ou estão formando e contribuindo com outras coisas, outras áreas...

S.G. – Em outras frentes, em outros estados...

A.B. - Exatamente. Um monte de gente que saiu do Anima está aí, em outros estados trabalhando e contribuindo com a discussão do lazer. Isso é muito legal para nós. É meio que assim: quem passou pelo Anima, não é a mesma pessoa. Acho que se eu não tivesse passado pelo Anima, eu não seria quem eu sou. Foi um privilégio ter vivido aquele período de 10 anos de Anima. E aí vemos isso na segurança que temos em tomar certas decisões, em formar novos grupos, em insistir em uma determinada função, em uma determinada postura política, pedagógica, e aprendemos isso no Anima.

S.G. – Que ótimo. O Anima é uma referência...

M.M. - É um currículo. E eu acredito que ainda está cedo para dizer os frutos e a contribuição, mas eu tenho certeza que o Anima, primeiro, deu uma base para outras abordagens sobre lazer... Hoje, estamos acostumados a ver o lazer do ponto de vista sociológico. E agora o Victor traz, por exemplo, neste último livro “Conceitos: uma abordagem histórica”, que eu acho que é outro olhar para isso e o PST vai proporcionar, certamente, que olhemos o lazer a partir da escola. É uma coisa que eu estou trabalhando

com o Felipe¹³ - o Felipe fez a tese de mestrado dele agora -. Você vai ouvir falar assim: “Ah, isso aqui foi a semente que daí deu as outras abordagens e isso fortaleceu”. Achamos que o Anima está em “stand-by” e que daqui a pouquinho ele vem com outra configuração, com pessoas amadurecidas, com pessoas no seu grupo de pesquisa mais sólido. Por exemplo, a Ângela está plantando um trabalho bonito no Esquina¹⁴, que já deu e que, daqui a pouco, vai dar outros frutos. Então, acho que agora ele está em “stand-by” e teve que ter este momento para que cada um pudesse também crescer. E esses que crescerão daqui a pouquinho juntarão e vão tecer uma abordagem legal. Eu acho que o PST vai ser importantíssimo nesse processo, porque ele vai ser uma experiência que vai ser básica para essas nossas novas elaborações. A Ângela vive me instigando dizendo assim: “Ah, sabe que eu acho que devíamos reescrever aquele texto. Tem umas coisas que estão me incomodando”. Ainda não sentamos para falar sobre isso, mas por conta também da demanda da organização e administração da equipe colaboradora. Ocupa muito o nosso tempo. Temos pouco tempo para pensar. Quando nos encontramos, estamos falando de como vai ser a capacitação, como é que vai ser o relatório. Estamos sempre muito envolvidas com as tarefas. Então, ainda não tivemos esse tempo de sentar e ter um pouco de distância. Acho que daqui a pouquinho vai ouvir e ter uma distância, um amadurecimento. Ainda não dá para medir a contribuição do PST, mas dá para saber que vai ser uma experiência importantíssima. Como nós construímos no Projeto [nome inaudível] Tempo Livre, que foi uma experiência bem mais simples, bem mais humilde do que essa. Transformamos aí em grandes trabalhos. Acho que, com o PST, vamos transformar em grandes trabalhos.

A.B. - É. Eu acho que temos que pensar nessa coisa do tempo, a discussão, o tempo na escola, essa relação do tempo na escola, do contra-turno e do lazer. Temos que pensar melhor isso.

M.M. - Pois é.

¹³ Felipe Rocha dos Santos. Mestrando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁴ Vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Grupo ESQUINA – Cidade, Lazer e Animação Cultural tem como objetivo de atuar na perspectiva da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, utilizando o cinema como ponto de partida para as intervenções.

A.B. - Têm umas coisas que estão nos incomodando já...

M.M. - Do nosso discurso.

A.B. - Do nosso próprio discurso. Esse texto tem que mexer. É isso que a Mônica está falando. Não conseguimos, é muita coisa...

M.M. - E agora com novas lideranças intelectuais, porque nós ficamos muito no Victor, o Victor, o Victor... Claro, o Victor continua e agora com uma abordagem muito mais sólida que a histórica, mas agora com outra abordagem. Tem representado para nós reflexões importantíssimas sobre nossos pequenos atos, também vamos amadurecendo como pesquisadora, como líder de determinada linha de pensamento. Isso está em construção ainda.

S.G. – Eu acho que o PST, para mim, por exemplo, essa discussão de gênero que eu tenho, que faço a um tempinho, mas dá outra dimensão. Quando vemos um projeto, porque é um projeto enorme com uma diversidade de compreensão que se tem entre os diferentes estados brasileiros e mesmo dentro de um estado sobre as temáticas. Para mim, tem sido muito produtivo. Eu vejo que isto está reverberando lá no grupo de pesquisa, porque tu trazes coisas que tu... Às vezes, me fazem perguntas que eu jamais imaginava que alguém pudesse perguntar aquilo, mas aquela pergunta te faz pensar: “Aquilo que eu escrevi não tem sentido nenhum”, porque está muito distante...

M.M. - E a coordenação está dando espaço para esse diálogo...

A.B. - É, a coisa do gênero é tão presente que você encontra assim: “As meninas não estão participando nos núcleos...” Mas por que as meninas não estão? O que faz com que elas não estejam. Então, você vai discutir lá embaixo, onde o poder, onde as relações homem e mulher estão colocadas fortemente marcadas. “Por que a minha filha não vai? Porque ela tem que arrumar a casa. Então ela não vai”. “Handebol nada. Ela vai lavar a louça”. Aí você encontra núcleos sem meninas ... Vimos que há núcleos que não tem meninas.

M.M. - Não tem. Itaboraí.

A.B. - Foi Itaboraí? Eu nem me lembro mais. Não tem meninas.

M.M. - Foi Itaboraí. Porque foi construído em cima de escolinhas de base.

A.B. - Em cima de escolinhas de futebol de várzea. Então, não tem menina. Então, como é que você vai fazer? Aí a recomendação: “encontrar alternativas para aumentar a participação das meninas de agora”. O que se faz? Essa é a grande questão.

S.G. – Uma coisa que eu me dei conta com o PST foi a questão da vulnerabilidade social, que ela está vinculada com os meninos, mas ninguém percebe que as meninas também são absolutamente vulneráveis. Então, as ofertas o que são: o futebol, o jogo para os meninos, porque eles estão no tráfico. Tirar do tráfico, da violência, mas a violência doméstica não é vista como uma vulnerabilidade social, ou o assédio das meninas, o trabalho doméstico...

M.M. - O não acesso...

A.B.. - A prostituição tem muita... Porque pode ter uma coisa turística, uma cidade que tem a ver com...

M.M. - Muita praia...

A.B. - Muita prostituição.

S.G. – Então, esse discurso da vulnerabilidade é muito para o menino, é muito para o jovem, para o homem e parece que não está colocado para as meninas. E, quando não discutimos isso, não entendemos.

M.M. - E uma relação direta agora com drogas e a violência de armas...

S.G. – Exato. E a violência.

M.M. - Mas e não com as violências veladas, como você coloca no seu texto.

S.G. – Então, as atividades são para captar a quem? Aos meninos. Grande parte dos projetos sociais no esporte no Brasil são para o futebol. São os meninos que estão na rua. E as meninas? Não estão na rua porque estão em casa sofrendo uma série de outras questões absolutamente vulneráveis. Violência doméstica, do trabalho...

M.M. - O futebol. Você vê que são práticas contínuas que perpassam projetos e simplesmente vão mudando de camisa.

S.G. – Exatamente.

M.M. - Hoje é o Segundo Tempo. Amanhã é do prefeito lá, do vereador tal. Como as práticas femininas não têm historicamente essa construção, elas surgem, às vezes, numa boa experiência aqui, mas já morrem porque não tem uma continuidade...

S.G. – E porque as meninas não vêm. Sim, mas por que elas não vêm? Essa questão da vulnerabilidade, eu me dei conta no PST, porque eu não tinha me dado conta disso: quanto esse discurso é machista mesmo assim, porque ele contempla um grupo específico. E as meninas que estão lá?

M.M. - E as meninas se tornam invisíveis...

S.G. – Exato. Elas se tornam invisíveis.

M.M. - E são a maioria dentro das comunidades.

S.G. – Exatamente.

A.B. - É interessante quando você fala da relação com o Mais Educação que isso pode trazer a menina. Porque a menina está na escola, então ela vai, mas os núcleos que são longes de escolas ou que não têm relação...

M.M. - São na rua...

A.B. - São na rua, não tem menina. A menina fica a margem...

S.G. – Exato. A escola que faz a reunião de pais e mestres, porque quem vai são as mães e as professoras.

A.B. - Exatamente.

S.G. – Então, isso que tem que chamar a atenção, porque está tão naturalizado...

A.B. - Que nem percebemos, passamos por cima.

S.G. – Nem percebe. Então, por isso que eu fiz a pergunta para vocês, porque para mim, umas coisas que eu andei escrevendo, acho que já tenho outras... E por conta disso eu acabei participando de umas coisas do PELC¹⁵ também, que também resolveu discutir gênero e sexualidade, como isso já alterou algumas coisas que eu pensava. Então, eu acho que tem uma coisa interessante para nós que estamos na academia também que é esse diálogo que começamos a estabelecer com a comunidade a partir de dois projetos.

A.B. - Eu acho que agora, não sei se vai haver outro livro, talvez o “Capa Azul”. Capa Verde, Capa Branca e Capa Azul. Eu acho que temos que pensar de novo a questão do lazer, trazer essa do gênero também, que é importante, que está vindo da prática. Temos que pensar sobre ela e, outra questão importante que tem que ser pensada, é a avaliação. A avaliação do PST é completamente solta, fraca, é frágil demais. Eles até exigem. Há uma exigência de avaliação, mas ninguém pergunta, ou ninguém se preocupou muito até agora com o que você vai avaliar, que tipo de avaliação você vai fazer, quem é que vai ser avaliado. Isso tudo está muito frouxo. Então, você vê nos relatórios, no formulário *in loco*, é feita a avaliação: “Ah, avaliação que eu faço é um cartaz”, “a avaliação que faço é perguntar se o menino gosta”, “a avaliação que eu faço é perguntar se a mãe está satisfeita”. Que avaliação é essa? Então, acho que essa é uma...

S.G. – De criar estratégias...

A.B. - Estratégias, mecanismos de avaliação. Como é que a gente vai avaliar, verificar se realmente o PST traz uma contribuição para aquela comunidade. O que essas crianças e esses jovens estão percebendo desse processo e o que esse processo está fazendo com esses jovens. Acho que tem muita coisa para se pensar ainda.

S.G. – Por que isso vai para o qualitativo do Programa. Não basta dizer que atendeu a dois milhões de crianças, mas o que isso tem significado para a vida dessas crianças...

A.B. - Exatamente...

S.G. - Para a comunidade no qual o convênio... Acho que essa questão é um grande desafio.

A.B. - É um grande desafio.

S.G. – Talvez o maior desafio, para ele se tornar uma política de Estado, que tenha continuidade, porque só dizer que dois milhões de crianças foram atendidas...

A.B. - É bacana...

S.G. – É bacana, é ótimo, tudo bem. É uma política pública que está atingindo um grande número, mas como que isso tem ficado para esses grupos que estão sendo atingidos, por essa política?

M.M. - Em homenagem as suas unhas, olha o Livro Azul [risos]. Acho que ele vai vir como uma necessidade de diálogo também entre os temas. Como é que se dialoga lazer e gênero e como cada um desses temas em diálogo vai propor sua própria avaliação? Como é que bate para que não tenha uma avaliação para um direcionamento, ou seja, para a parte técnica, tática ou só social, mas de todos os elementos que compõem esse plano pedagógico lá de implementação? Acho que o Livro Azul vem com esse desafio, de diálogo entre os temas. Como é que dialoga Lazer e decência, como é que dialoga... E

¹⁵ Programa de Esporte e Lazer na Cidade.

como é que tudo isso constrói uma avaliação conjunta? Porque não adianta cada um ficar na sua caixinha, pensando. Você pensando gênero e nós pensando lazer. Isso já ficou claro no Livro Branco, que houve essa necessidade de discussão e a pertinência do tema. Agora, o que já avaliamos que é pertinente e como é que dialoga entre eles? Porque, se você for ver, algumas coisas são repetitivas no que se pensa do temas. São repetitivos. Você está repetindo o mesmo ponto de vista.

S.G. – E fazendo essa articulação, acho que é um desafio. Eu não sei se vai ter uma reunião de avaliação do Programa agora no final.

A.B. - Costuma ter.

S.G. – Para colocar essas questões...

M.M. - Acho que não vai ter uma reunião não. Acho que vai ter um congresso mais expositivo. Vai ser mais uma coisa de expor o que foi feito, que avaliar ou encaminhar.

S.G. – Quem sabe pudéssemos criar uma demanda para a equipe pedagógica...

A.B. - Eu acho que sim.

M.M. - Seria ótimo.

S.G. – Dar uma conversada com o Amauri, se eles estão pensando. Porque eu acho que essas ideias são muito legais, de qualificar...

A.B. - Acho que assim, uma perspectiva, exatamente, para o trabalho poder “fincar” raízes, porque estamos construindo alguma coisa, mas de que adianta construirmos tudo isso se não dialogarmos, se não aprofundarmos, se não formos lá onde o cara está, na várzea lá, conversar com o cara e saber como é que isso está chegando nele. Não adianta saber: “Quantas crianças tem no núcleo?”. Se for ver a lista de frequência, isso é bom, claro. Vamos ver se tem desvio de recurso...

S.G. – Claro. É uma parte da avaliação.

A.B. - Isso é uma parte do trabalho.

S.G. – Mas a outra é do significado que o Programa tem para essa comunidade.

M.M. - E é o que justifica a presença das Universidades dentro desse processo.

S.G. – Exatamente.

M.M. - É um grande diferencial, uma grande sacada, foi envolver as Universidades. Universidades são instâncias que perpassam o governo, apesar de serem também moldadas por eles, mas que ficam. E aí, jogar isso fora do próximo governo, acho que alguém tem que ter muita coragem para fazer isso. “Ah, vou jogar fora das Universidades”. Então, acho que isso são coisas que vão permanecer. E, se as Universidades não tomarem essa posição como a que a Ângela está tomando, não faz muito sentido a colocação...

A.B. - Não tem sentido...

M.M. - Porque poderia ser qualquer grupo de avaliador e fiscalizador. Então, pega voluntários, porque daqui a pouco qualquer voluntário faz isso. Então, só justifica a entrada da Universidade se tiver esse ponto de vista que estamos falando, de avaliação, senão, vai ser...

S.G. – Bem legal. Já pensamos coisas [risos]. Enfim, não sei se vocês querem falar mais alguma coisa sobre o Programa ou sobre experiência...

A.B.. - Não, eu acho que seria muito legal se pudéssemos realmente pensar uma reunião, na qual pudéssemos colocar, pelo menos, algumas possibilidades. Vamos pensar em perspectivas para o PST, uma coisa que Mônica falou, de fortalecer os recursos. Quem serão essas pessoas. Quem são as pessoas e de que maneira elas estão ligadas ao PST. Se elas estão ligadas de uma maneira frágil, que se rompe, e encontramos muita...

S.G. – Eu já sei... Rotatividade.

A.B. - Rotatividade [risos]... Essa coisa da rotatividade [risos]: o cara é formado aqui, capacitamos ele e, daqui três meses, o cara diz: “Olha, estou indo embora, porque não dá para ficar aqui”. Isso é muito ruim. Como é que você vai ter o compromisso do cara ali, com aquilo. E as capacitações são ricas por isso. Eles ficam comprometidos. Você vê nas falas o compromisso que conseguimos construir em um momento de capacitação.

M.M. - E nisso, o plano já foi feito, o recurso já foi enviado e, às vezes, é na capacitação que se tem as ideias e se transforma um outro projeto. Muitas das vezes, os projetos se transformam totalmente e, quando você vai ver: “Ah, mas não foi isso que nós pensamos no início” ou então “o recurso que nós pedimos não vai dar para aquilo”. Então, fica tudo no plano do desejo. “Gostaríamos de ter feito aquilo”.

A.B. - É verdade. Essa coisa do lazer, a Mônica já falou, tem muito a ver. Talvez, um novo formato que incluísse essas atividades numa outra dimensão, porque tem as atividades complementares, as atividades de reforço, mas realmente o lazer acaba ficando na boa vontade. Então, o formato do projeto deveria ser um pouco ajustado.

M.M. - Não efetivamente contemplar os temas que politicamente eles acreditam.

S.G. – Isso é importante.

M.M. - Uma coisa do gênero: como é que trabalhar gênero vai representar no orçamento? Porque aí eu vou trabalhar só na sensibilidade política do monitores ou efetivamente ações, planejadas, voltadas para tal?

A.B. - É, porque, senão, fica muito no discurso.

S.G. – Claro. E na responsabilidade individual de quem está na ponta.

M.M. - E daí não tem como avaliar como é que isso impactou, como é que a abordagem do tema impactou efetivamente na implementação do projeto.

S.G. – Exato.

A.B. - Acho que ainda temos muito trabalho.

S.G. – Tem muita coisa para fazer ainda.

A.B. - Uma coisa que eu fiz agora: acabamos de ter um congresso de extensão na Universidade e eu consegui uma coletânea extra com todos os resumos de todos projetos de extensão da Universidade. Aí eu vou passar para a Sheila¹⁶, que é a coordenadora do convênio que temos em Itaboraí. Na extensão da Universidade muitos projetos vão aos locais. E imagina montar um dia um torneio de alguma coisa, ou um evento qualquer durante o dia, que a Universidade pudesse participar com seus projetos de extensão, na área de saúde, na área de violência contra a mulher, na área do lazer - os nossos projetos de lazer também poderiam entrar -. Então, vou levar para ela e falar: “Olha só quanta coisa você pode trazer para Itaboraí através do PST numa relação com a Universidade”. Para a Universidade é interessante...

M.M. - E aproxima...

A.B. - Aproxima a Universidade e aquela história que sempre falamos: “A Universidade na praça, a Universidade está dentro do município, das pessoas do município, em todas as praças do município”. Isso tem uma via aí que é legal, dá para a Universidade e para o convênio. Ela topou. Só tenho que dar um jeito de levar, entregar a ela lá.

M.M. - É isso, porque é uma relação com a ONG¹⁷. Se fosse a organização com prefeituras, esse diálogo seria muito mais difícil, porque as pessoas mudam de cargo com muita velocidade ou elas estão ali: “Ah não, eu estou cumprindo esse papel aqui, não vem me dar mais trabalho, trazer coisas da Universidade para cá”. Então, essas relações de convênio vão mudando conforme a característica do conveniado.

¹⁶ Sheila de Loura Guedes. Coordenadora Geral do convênio com a Associação Fazendo Acontecer em Itaboraí/RJ.

A.B. - É verdade. A gente, agora...

M.M. - A relação do [palavra inaudível]...

A.B. - Impossível.

M.M. - Que seria uma coisa absolutamente... É real o governo do Estado - o [palavra inaudível] é da secretaria do Estado - com a Universidade iria ser uma coisa interessante para a Universidade, interessante para a secretaria e mal conseguimos...

A.B. - Mal conseguimos falar...

S.G. – Não consegue dialogar.

A.B. - Fomos procurados pelo pessoal de Maricá, o pessoal de Cachoeira de Macacu, - são todos municípios próximos que vão entrar - e o pessoal bem interessado e interessante assim, todo mundo querendo saber, querendo perguntar, querendo coisas. Pessoal bem legal. Acho que vai ser muito trabalho, mas vai ser legal. E, agora, estamos contando com o apoio da equipe do Toni¹⁸ também, que é bem legal. Tem a Ludmila¹⁹, a Alessandra²⁰ tem um pessoal...

S.G. – Que daí já colaboram também...

M.M. - E já com um nível de amadurecimento também, já passaram por vários convênios, já visitaram muitos locais...

S.G. – Já conhecem a estrutura, o funcionamento, o que vai e o que não vai...

A.B. – É. Já estamos mais espertinhos [risos].

¹⁷ Organização Não-Governamental.

¹⁸ Antônio Jorge Soares. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁹ Ludmila Mourão, Universidade Gama Filho.

²⁰ Alessandra Cristina Raimundo. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

S.G. – Que ótimo. Então, queria agradecer vocês duas, por disponibilizar essa conversa, num feriado, diga-se de passagem [risos].

A.B. - Mas daí você está vindo, recebemos você, muito bom [riso].

S.G. – Enfim, que o Projeto continue, que essas coisas que conversamos possam amadurecer. Um Projeto tão legal que eu acho que merece avançar nesse ponto.

A.B. - É, eu acho que sim. A Mônica sempre diz: “Ângela, estamos em um projeto de nível nacional. Isso é coisa para caramba. Isso é importante”. O Alex²¹ também fala isso: “Ai gente, não aguento mais. Quero ir embora”, e eu: “Não! Não vai embora. Fica. Estamos fazendo história” [risos].

S.G. – Que ótimo. Vai ficar registrado essa história [risos].

M.M. - E já tem [número inaudível] anos.

A.B. - Já! Bastante tempo.

M.M. - É um dos projetos mais longos que estivemos envolvidas no âmbito do lazer e que também deu possibilidades, porque, a maioria dos projetos, acaba em um ano.

S.G. – Em um ano. E esse haverá de continuar no próximo governo. Legal, obrigadíssimo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²¹ Alex Pina de Almeida. Universidade Federal do Rio de Janeiro.